

OS DIÁRIOS DE SYLVIA PLATH: MEMÓRIA, VOZ E SILÊNCIO

Raíssa Varandas Galvão

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras

Estudos Literários, da UFJF

raissa_vgalvao@hotmail.com

O trabalho em questão tem como objeto de pesquisa os diários pertencentes à escritora Sylvia Plath. A partir desses diários procuro refletir como o falar e o silenciar se alternavam e por vezes se mesclavam na escrita da autora. Recorrendo à concepção da literatura como uma saúde, tal como expressa pelo filósofo Gilles Deleuze na obra *Crítica e Clínica*, compreendo que a escrita era, para Sylvia Plath, um espaço de acolhimento no qual a palavra era utilizada como uma ferramenta de organização do eu diante de situações-limite. Vítima da depressão e da violência doméstica, Plath procurou na literatura um antídoto que, injetado na veia, tentava anular o veneno que se espalhava através dessas feridas. No entanto, se a escrita foi o meio através do qual a autora emitia sua voz, suas páginas também foram marcadas por momentos de silenciamento. Em Sylvia Plath o silêncio surge com facetas distintas. Há o calar-se como uma opção, mas há, principalmente, o silenciamento imposto à mulher perante uma sociedade patriarcal. Seja pelo marido que destruiu parte de seus escritos, seja pela imprensa e público que, com a morte da autora, fabricaram para ela uma identidade trágica, a voz deixada por Plath em suas páginas parece ter sido constantemente abafada. Pensar tais questões não escapam das reflexões sobre o feminino. Como aporte teórico recorro, portanto, a textos como “A estética do silêncio”, de Susan Sontag; *Crítica e Clínica*, de Gilles Deleuze; *Um teto todo seu* e “Profissões para mulheres”, de Virginia Woolf; *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir e *Teoria King-Kong*, de Virginie Despentes.

Palavras-chave: Gênero. Feminino. Diários. Silenciamento.